

Reportagem: Quando o Jornalismo Se Faz à Vida

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.7>

Luís Miguel Loureiro

Professor e investigador
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3201-8013>
luisloureiro@ics.uminho.pt

Descrição

Falar em reportagem a um(a) jornalista é dar-lhe, numa palavra apenas, a razão de ser do jornalismo. E a razão de ser dele, ou dela. Há muitas coisas que um(a) jornalista pode fazer, mas ninguém saberá o que é o jornalismo se nunca tiver feito uma reportagem.

E, afinal, a reportagem, tendo tudo de especial, não tem nada de especial. É o momento em que o jornalismo se faz à vida. Dele próprio e das pessoas. É isso, é essa simplicidade que a torna especial, tão especial. A reportagem é o modo que o jornalismo encontrou de contar as histórias das pessoas. De as escutar, de mostrar os seus projetos, os seus anseios, de denunciar os seus problemas, as suas angústias, as suas dúvidas. De dar a oportunidade às pessoas de falar ao ouvido dos poderes sem ser preciso fazê-lo em voz alta.

Um dos aspetos mais bonitos do jornalismo é esse seu sonho de dar voz a quem não tem voz. O jornalista polaco Ryszard Kapuściński (2009), um dos nomes maiores da história da reportagem, escreveu mesmo que “cada reportagem tem vários autores e só um costume mais generalizado determina que assinemos o texto com um só nome” (p. 11). É a reportagem que torna o jornalismo uma verdadeira e generosa missão democrática, em que o jornalista oferece as suas competências ao mundo que o rodeia. E só se constrói uma democracia verdadeira quando todas e todos estamos envolvidos. Todas e todos podemos ser, assim, atores e autores da construção de um mundo melhor.

Não é por acaso que se diz que, no momento em que a inicia, um(a) jornalista *sai em reportagem*. Ninguém faz reportagens sentado num computador, fechado em casa ou na redação, sem ir ter com as pessoas, sem sujar as solas dos sapatos, sem se fazer ao mundo. Ser repórter é ser alguém permanentemente fascinado pelos outros, pelas suas culturas, diferentes, pelos seus projetos, únicos, é sentir “fascínios que não conseguimos explicar” (Rosendo, 2021, p. 277). O repórter português José Manuel Rosendo (2021) recorda-se bem “do encantamento sentido ao ouvir a palavra Beirute. Ou Jerusalém, ou Bagdad” (p. 277)

As reportagens implicam sair, viajar de nós para os outros, escutar, escutar, escutar, observar o desconhecido e mergulhar nele, sem medos, para aprender, afinal, que, no desconhecido, há pessoas como nós, que sorriem, choram, saltam, gritam, chateiam-se e amam, pessoas com o mesmo direito que todos temos de fazer ouvir a nossa voz, de contar a nossa história aos outros, de tornar um mundo feito de muros num mundo onde todos possamos viver.

Mãos à Obra

Uma reportagem pode nascer de todo o tipo de situações. Umas são inesperadas, têm normalmente a ver com acontecimentos que alteram a rotina, acidentes, tragédias, catástrofes naturais, a eclosão de conflitos sociais e políticos, como as guerras. Outras podem ser previstas e atempadamente preparadas. Um repórter, que é aquilo em que se torna um jornalista quando *sai em reportagem*, tem de estar preparado para tudo.

A regra fundamental é sair da redação munido com o máximo de informação que seja possível recolher à distância. Se for algo que surgiu de forma inesperada, onde é que o acontecimento teve lugar, o que é que se sabe do que se terá passado, se será uma situação totalmente nova ou se corresponde a algo que já se vinha desenvolvendo, e teve um novo e inesperado episódio. Se for algo que corresponda a uma realidade social, económica ou política que não é suficientemente conhecida, ou a um problema que precisa de ser trazido a público e explicado, a primeira atitude a ter é escutar. É na escuta que se obtêm as primeiras informações que permitem, depois, ao repórter fazer o seu trabalho que é, na verdade, um trabalho que envolve sempre investigação: selecionar as melhores fontes de informação para apurar bem os factos, para evitar ser manipulado por quem o pode tentar enganar ou induzir em erro, selecionar bem as pessoas e entidades que devem ser ouvidas em entrevistas, conhecer o melhor possível a realidade social, económica e política do local ou da região onde a reportagem irá ser feita. As fontes de informação podem ser outras pessoas ou, então, documentos de toda a ordem: documentos oficiais ou estudos científicos disponíveis nas bibliotecas e na internet quando a questão tem a ver com decisões políticas ou problemas sociais, livros de história ou o trabalho de historiadores quando o problema é histórico, por exemplo, quando se relaciona com uma guerra, artigos antigos de jornal que tratem o tema que se vai tratar, sites da internet dedicados a informação específica, enfim, para cada tema ou caso, as fontes

de informação que irão ajudar o repórter a fazer com que o seu trabalho se aproxime, ao máximo, da verdade dos factos, podem e devem variar muito. Os melhores jornalistas são aqueles que melhor sabem selecionar, desde logo, as suas fontes de informação e não se deixam manipular pela primeira que lhes aparece. Por isso, a melhor reportagem exige também que o jornalista tenha tempo para a fazer. A pressa é a maior inimiga do bom jornalismo.

Há uma metáfora bonita para descrever a tarefa do repórter: a metáfora do mergulhador. Quando mergulha nas águas do mar, o mergulhador veste-se para se parecer com um peixe. Se não tem guelras para respirar, leva as garrafas de oxigénio, se não tem barbatanas para nadar, coloca barbatanas nos pés. Tal como o mergulhador, o melhor repórter é aquele que é capaz de permanecer, tanto quanto possível, num ambiente que lhe é estranho sem perturbar esse ambiente. O mergulhador nada com os animais marinhos, observa-os e só interage com eles para melhor os conhecer. O repórter faz mais ou menos o mesmo. Como explica o investigador e grande repórter português Jacinto Godinho (2004),

estar no meio da multidão é ser envolvido por ela, entrar nos seus jogos, segredos, interesses e astúcias. Ninguém pode imiscuir-se na multidão sendo uma personalidade reconhecida. A multidão deixa de comportar-se naturalmente. Para que alguém, na multidão, aceite contar a sua história, (...) é preciso sentir a confiança do repórter. (p. 137)

É isto mesmo. A reportagem é a expressão mais nobre do jornalismo porque é a sua forma mais generosa de ser. E, tal como o mergulhador que volta à superfície para nos contar o que viu e os encontros que teve nas profundezas do mar, o repórter também traz até nós as histórias que ouviu contar, também descreve as realidades que encontrou, também nos mostra do que são feitas as vidas que não conhecemos.

Não Esquecer

- Uma boa reportagem pode começar sempre que questionamos a realidade em nosso redor;
- Só se pode falar verdadeiramente em reportagem quando exploramos novas realidades, quando vamos à procura dos outros;
- A reportagem implica sairmos de nós, estar sempre atento ao que se passa à nossa volta. Uma boa reportagem pode surgir de uma conversa com um amigo ou uma amiga, pode aparecer num buraco da nossa rua ou no trajeto que fazemos para a escola;
- Um bom repórter é aquele que aprende, primeiro, a escutar os outros, porque essa é a base para depois escrever bem, e com rigor, as histórias que têm para contar.

Uma Citação Sobre o Género

É isso que me interessa: os sinais de um espanto que não se esgota na agenda informativa do dia. Tenho procurado esses sinais em povoados onde o largo ainda é “o centro do mundo”, longe das grandes vias rápidas.

O que me interessa é a fala dos homens e mulheres que encontro nesses lugares e aos quais nunca aponteí um microfone sem prévia anuência, tantas vezes conquistada na cumplicidade da mesa ou do riso largo. (Alves, 2001, p. 240)

Uma Curiosidade

A reportagem e a entrevista estão profundamente ligadas na história do jornalismo, e profundamente ligadas entre si. Uma e outra terão surgido, verdadeiramente, nos anos 30 do século XIX, nos Estados Unidos, quando, a um jornal de Nova Iorque, o *New York Herald*, chegou a informação de um crime que acontecera num bordel da cidade, onde uma prostituta havia sido morta. O diretor do jornal não se satisfez em publicar a notícia tal como ela lhe havia chegado às mãos. James Gordon Bennett decidiu tentar saber mais detalhes, foi ao local do crime, e entrevistou a dona do bordel. A edição em que publicou toda a história foi um sucesso.

Ideias Para o Jornal Escolar

Qualquer situação que se passa à tua volta pode dar uma excelente reportagem. Escuta a tua família com atenção, todos te podem ajudar a identificar um tema, e a encontrar as pessoas certas com quem possas falar. Escuta as tuas professoras e professores, observa bem o caminho que fazes para a escola, tu até podes ir a pé porque vives perto, mas as tuas amigas e amigos podem viver muito mais longe, e será que têm bons transportes? E quando chove? E quando faz frio? E o desporto escolar? E o uso dos telemóveis? Depois, não te esqueças, deves sempre escutar as histórias que te contam e perceber se é preciso ir ouvir mais alguém, a direção da escola, a junta de freguesia, a câmara municipal, os dirigentes do clube da tua zona, quem quer que seja, que faça sentido para que a tua reportagem fique completa.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Alves, F. (2021). Notas breves de um repórter vadio e intermitente. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Eds.), *Manual de reportagem* (pp. 239–241). Editora LabCom.

Godinho, J. (2004). *Genealogia da reportagem - Do conceito de reportagem ao caso Grande Reportagem, programa da RTP* [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa].

Kapuściński, R. (2009). *O outro*. Campo das Letras.

Rosendo, J. M. (2021). A reportagem que parecia impossível. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Eds.), *Manual de reportagem* (pp. 277–281). Editora LabCom.